



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## A ORIGINALIDADE DO RITO NA LITURGIA CRISTÃ

---

### The originality of rites in christian liturgy

Ione Buyst<sup>1</sup>

#### Resumo:

A partir de quatro textos – independentes, mas complementares – o artigo pretende mostrar a importância de pensar a liturgia cristã enquanto expressão ritual de nossa fé, superando todo ritualismo e mera religiosidade. O rito dá expressão à Palavra de Deus através da linguagem corporal e permite que gestos proféticos mobilizem as pessoas na inteireza do ser.

#### Palavras-chave:

Liturgia. Rito. Ação simbólica.

#### Abstract:

From four texts - independent but complementary - the article shows the importance of thinking about the Christian liturgy as a ritual expression of our faith, surpassing all ritualism and mere religiosity. The rite gives expression to the Word of God through body language and prophetic gestures mobilize people in the fullness of being.

#### Keywords:

Liturgy. Rites. Symbolic action.

\*\*\*

### Introdução

No centro da liturgia cristã está a ordem de Jesus referente ao rito central da fé cristã, a eucaristia, ou ceia do Senhor, de acordo com a tradição paulino-lucana: “Façam isto em memória de mim”.<sup>2</sup> A primeira parte da afirmação refere-se à ação de Jesus na última ceia: tomou o pão, deu graças e deu a seus discípulos, dizendo... Depois tomou o cálice em suas mãos, deu graças novamente e o deu a seus discípulos dizendo... A segunda parte ‘em memória de mim’ aponta para a atualização daquela ação, realizada hoje na comunidade de fé, pela invocação do Espírito: nós nos tornamos misticamente participantes de sua morte e ressurreição prenunciadas nos gestos da última ceia (“meu corpo que será entregue por vós..., meu sangue, sangue da nova

---

<sup>1</sup> Doutora em Teologia Dogmática com Concentração em Liturgia, pelo Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, Brasil. Contato: buyli@bol.com.br

<sup>2</sup> 1Cor 11,23-26; Lc 22,19.

aliança, derramado por todos...”). Passamos com ele da morte para a vida, assumimos o compromisso de pautar a nossa vida e a nossa atuação na sociedade segundo a proposta do Reino inaugurado por Jesus.

Os gestos rituais realizados na ceia, assim como no batismo cristão, são – na expressão de Santo Agostinho – ‘visibile verbum’, palavra visível. A mesma Palavra de Deus anunciada na liturgia da Palavra em forma de proclamação e pregação (palavra interpretativa) nos atinge na liturgia sacramental em forma ‘visível’, como ação corporal, passando por todos os sentidos, ultrapassando nossa compreensão racional, como na última ceia. Assim, liturgia da palavra e liturgia sacramental se completam mutuamente; é a mesma Palavra de Deus anunciada, crida, assimilada... É Deus mesmo que vem ao nosso encontro, nos toca e nos transforma e nos impele ao testemunho de vida e ao compromisso a favor da vinda de seu Reino no mundo.

Os quatro textos a seguir – independentes, mas complementares – concentram-se no imperativo de se levar a sério a liturgia cristã enquanto expressão ritual de nossa fé (superando todo ritualismo e mera religiosidade): Palavra de Deus em linguagem corporal, gestos proféticos atingindo-nos na inteireza de nosso ser.

### **Rito e acontecimento de salvação no sacramento do batismo<sup>3</sup>**

Ouçamos uma passagem de São Paulo lida na Vígíia Pascal, que consta também no lecionário da celebração do batismo (Rm 6,3-11):

Acaso ignorais que todos nós, batizados no Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela ação gloriosa do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova. Pois, se fomos, de certo modo, identificados a ele por uma morte semelhante à sua, seremos semelhantes a ele também pela ressurreição.<sup>4</sup>

Primeiro, reparem que São Paulo fala da ‘semelhança’ do batismo com a morte. Esta semelhança aparece principalmente no batismo de imersão, quando o batizando desce na piscina batismal, o ministro por três vezes o mergulha na água e por três vezes o retira, invocando a Santíssima Trindade. O momento do mergulho é, de certa forma, dramático: tem semelhança com um afogamento, uma morte! Mas logo o batizando é retirado das águas, significando seu salvamento para uma nova vida.

Ora, o batismo cristão não é semelhança com uma morte qualquer, mas com a morte de Cristo. Os evangelhos nos dizem que ele próprio comparou sua morte com um batismo.<sup>5</sup> E aí entra o sentido profundo, teológico, espiritual, ‘místico’ do rito do batismo, seu ‘segredo’. Não é ‘um simples rito de purificação, mas o sacramento da união com Cristo’.<sup>6</sup> O gesto de ser salvo ao passar pelas águas se refere simbolicamente à morte-ressurreição de Jesus Cristo, acontecimento histórico no qual reconhecemos uma intervenção salvadora de Deus. Pelo batismo, morremos e ressuscitamos misticamente, sacramentalmente, com ele, nele, por força do Espírito dele, para vivermos uma vida de ‘morte ao pecado’ (isto é, a tudo que desvia de Deus e de seu projeto, de

---

<sup>3</sup> Cf. BUYST, Ione. *O Segredo dos Ritos; ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, Paulinas, 2011. (Col. Celebrar), p. 38-41.

<sup>4</sup> Rm 6,3-5.

<sup>5</sup> Cf. Mc 10,35-40.

<sup>6</sup> RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos), final do n. 32.

seu Reino) e 'vida no Espírito', vida no seguimento de Jesus Cristo na realidade atual, nas circunstâncias da vida de cada um e cada uma de nós.<sup>7</sup>

Será que temos o direito de continuar pensando o batismo como uma ação 'automática', 'mágica' que se reduza ao gesto central da ablução ou imersão na água acompanhada da 'fórmula' *Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*? De forma alguma. A pessoa que está sendo batizada deve ter feito todo um caminho de escuta da Palavra, de aproximação e conhecimento de Jesus Cristo, um caminho de fé, de adesão; teve oportunidade de aprender a reconhecer e seguir o Espírito e a se relacionar com Deus-Pai; participou das reuniões, atividades e liturgias do grupo catecumenal, participou de algumas atividades da comunidade eclesial na qual será inserida pelos sacramentos da iniciação cristã e a partir da qual deverá dar testemunho de Jesus Cristo na sociedade. Na própria celebração do batismo, foi acolhida pela comunidade reunida em assembleia, escutou a Palavra de Deus que foi proclamada e comentada, presenciou a bênção sobre a água, fez sua renúncia e sua profissão de fé. Ou seja, o sentido mistérico-sacramental do batismo foi aparecendo e nos atingindo ao longo de toda a celebração, não em forma de explicação, mas em forma de ações simbólicas, rituais.

Não basta a fórmula pronunciada no momento do gesto de batizar; importa a ação ritual como um todo, com seu 'antes' (a evangelização, o catecumenato) e 'depois' (a vida nova em Cristo e na Igreja com o conseqüente testemunho na sociedade). Também não basta seguir formalmente, mecanicamente, todas as minúcias e rubricas prescritas no livro ritual. É preciso, sim, uma nova maneira de entender, realizar e experienciar o rito: não mais como gesto mecânico, mas como ação simbólica, carregada do mistério da salvação que nela pede para ser celebrado.<sup>8</sup>

Tomemos como exemplo a oração sobre a água (também chamada de 'bênção' da água ou 'consagração'<sup>9</sup>) que o ministro proclama solenemente sobre a fonte batismal, com todo o povo ao seu redor, antes do rito da imersão ou ablução. Num primeiro momento, o ministro lembra fatos da história da salvação relacionados com o sacramento do batismo: a criação do mundo quando o Espírito de Deus pairava sobre as águas; o dilúvio no qual foram sepultados os vícios e foi prefigurado o nascimento de uma nova humanidade; a passagem pelo Mar Vermelho, rumo à liberdade, deixando para trás a escravidão; o batismo de Jesus nas águas do Jordão e sua unção pelo Espírito como Messias; a água e o sangue que jorraram do lado aberto de Jesus morrendo na cruz; o envio dos apóstolos para fazerem discípulos e batizar em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Em seguida, vem o momento culminante desta bênção, a 'epiclese' (invocação) quando o ministro pede ao Pai que envie o Espírito sobre esta água para que se torne 'água do batismo'. Vejam o momento central desta invocação que consiste num pedido acompanhado de um gesto altamente sugestivo, simbólico. O círio pascal, símbolo do Cristo Ressuscitado, é mergulhado na água, enquanto o ministro invoca: "*Nós vos pedimos, ó Pai, que por vosso Filho desça sobre esta água a força do Espírito Santo.*" Em seguida, mantendo o mesmo gesto, aponta para os efeitos desta água: "*E todos os que, pelo Batismo, forem sepultados na morte de Cristo, ressuscitem com ele para a vida...*".

Devemos aprender a realizar e acompanhar este rito de tal forma que nos deixemos tocar por sua carga dramática. Somos participantes desta história evocada, de muitos séculos de

---

<sup>7</sup> Cf. 2Cor 5,14-17.

<sup>8</sup> Vejam a preferência dada ao batismo de *imersão*, porque 'demonstra mais claramente a participação na morte e ressurreição de Cristo': RICA (Rito de Iniciação Cristã de Adultos), Observações preliminares gerais, n. 22. Vejam ainda a Introdução do RICA nn. 28-33, explicitando a sequência e o significado dos ritos do sacramento do batismo.

<sup>9</sup> Cf. RICA, Observações preliminares gerais, n. 21.

caminhada. Somos parte deste povo a caminho, que morre e ressuscita em Cristo. As rubricas não dizem, mas quer me parecer que a expressividade do rito pede um momento certo para baixar e retirar o círio na água. De fato, na invocação, há dois verbos que conotam e indicam um movimento de descida e subida, respectivamente: ‘desça’ e ‘ressuscitem’. Para que gesto e palavra se reforcem mutuamente, mergulho o círio ao dizer: ‘por vosso Filho *desça* sobre esta água o Espírito Santo...’ e retiro o círio ao pedir ‘...que todos os que forem sepultados com Cristo pelo batismo, *ressuscitem* para a vida’. Qualquer ator de teatro ou qualquer comunicador agiria desta forma, porque aprendeu a levar a sério a palavra e o gesto como veículo de comunicação, de ideias, sentimentos, afetos. Alias, a definição clássica do sacramento - *sinais sensíveis que realizam aquilo que significam* - sugere isso. A sacramentalidade depende da compreensão do significado do rito realizado; depende, por isso, da qualidade de nossa comunicação pelo rito, pelos ‘sinais sensíveis’. O mistério nos atinge (ou não!) dependendo da expressividade na realização do rito. A comunicação do mistério passa por gestos e palavras sugestivas, expressivas, isto é, através de uma linguagem que toca nosso ser por inteiro.

Esta é a maneira de Deus se comunicar com seu povo. São Leão Magno dizia: *‘Tudo o que na vida de nosso Redentor era visível passou para os mistérios’*, isto é, para as ações litúrgicas, para os ritos sacramentais.<sup>10</sup> Com São João podemos dizer: *“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida – vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anunciamos, que estava junto do Pai e que se tornou visível para nós –, isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.”* (1Jo 1,1-3). Na liturgia, o ‘Verbo da Vida’ se manifesta à comunidade reunida em seu nome através de sinais ‘visíveis’, ‘sensíveis’, sinais que atingem nossa capacidade sensitiva: visão, audição, tato, olfato, paladar e que provocam uma ‘*experiência ritual*’, uma experiência de Deus através da ação litúrgica.

### **O segredo da liturgia: mística ‘no’ corpo<sup>11</sup>**

Quando se fala em ‘mística’, muita gente imagina algo bem ‘espiritual’, etéreo, celestial, algo ‘fora do corpo’, que não tem nada a ver com nossa sensibilidade. São Paulo, para se referir a um encontro místico dele com Deus, diz que não sabe se isto aconteceu ‘no corpo’ ou ‘fora do corpo’ (2Cor 12,2). Hoje, as neurociências nos ensinam que toda a percepção humana, todas as nossas experiências, todo o nosso conhecimento – do mais elementar ao mais sofisticado, do mais sensorial ao mais racional, dos relacionamentos afetivos às pesquisas científicas... – passam necessariamente pelo corpo. Aliás, não há mais como considerar separado nosso ‘corpo físico’ de nossa vida psíquica e espiritual. Citando como exemplo a ação do bailarino e de um jogador de futebol, um autor diz a respeito do corpo:

[...] muito mais que um agregado de matéria, ele é um foco de energias poderosas e ágeis, uma maravilha de equilíbrio sempre rompido e sempre restaurado, uma unidade que se exprime, se comunica e age. Esse aglomerado de células vivas sustenta e nutre funções que, por sua vez, desenvolvem uma vida psíquica pela qual nossa energia viva atinge as regiões da afetividade superior, da inteligência e da vontade, onde desabrocham nossos

<sup>10</sup> Sermo 2 de Ascensione, 1-4; PL 54, 397-399; Liturgia das Horas, Ofício de Leituras 6ª. feira da 6ª. Semana do Tempo Pascal.

<sup>11</sup> Cf. BUYST, Ione. *O Segredo dos Ritos; ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, Paulinas, 2011 (Col. Celebrar), p. 123-124.

atos livres; assim se vão aos poucos tecendo nossa vida pessoal e nossa história social [...].<sup>12</sup>

Curiosamente, Frei Betto, com o mesmo exemplo do balé, parece dizer o oposto:

Uma outra expressão da mística é a arte. Só há verdadeira arte quando se consegue estar 'fora do corpo'. No balé os movimentos do corpo são uma forma alada de expressar algo intangível, cujo desenho é pincelado pela música e transcende a sequência dos gestos da bailarina. Não se dança com a cabeça nem com os membros. Dança-se com a alma, numa entrega de si ao ritmo e à melodia que só vibra com densidade artística quando se está 'fora do corpo'.<sup>13</sup>

Há certamente uma maneira de dançar, comer, cantar, celebrar... que reduz o 'corpo' à sua dimensão de 'materialidade', como se fosse uma máquina de andar, comer, relacionar-se... e é a isso que alude certamente Frei Betto. Porém, sendo seres humanos, somos chamados a vivenciar nosso corpo e todo o nosso ser em sua dimensão espiritual. Somos chamados a dançar, escrever, comer e beber, orar e celebrar, não 'fora do corpo', mas 'no' corpo, deixando que as energias psíquicas e espirituais (a alma!), brotando do corpo, nos levem a expressar e experienciar o intangível, o invisível, o inominável, a presença escondida, o mistério. 'Fora do corpo' deixamos de ser gente e corremos o risco de não encontrar Aquele que se fez 'corpo', se fez 'carne', se fez 'história' para se encontrar conosco e nos fazer entrar no mistério da comunhão.<sup>14</sup>

É nesta lógica da encarnação que se situa o segredo da liturgia, o mistério dos ritos. Na comunidade reunida para celebrar seu memorial, o Cristo vem ao nosso encontro e nos 'toca', nos atinge, nos mergulha nas águas, nos unge com o Espírito, nos fala, nos oferece o pão e o vinho, nos transforma. Pela mediação simbólica do corpo (templo do Espírito!), nos leva à comunhão mística, que haverá de marcar todas as dimensões de nossa vida (relacionamentos, profissão, atuação na sociedade...).

Duas coisas chamam nossa atenção e são absolutamente necessárias para podermos falar de um sacramento cristão: primeiro, a ação ritual, ou seja, o 'sinal sensível'; segundo, o mistério (invisível) que habita o rito. Quem percebe apenas o sinal sensível, o lado 'de fora', digamos assim, não vive o sacramento, não tem acesso ao mistério. Também não vive o sacramento quem não presta atenção ao sinal sensível, quem não vive profundamente, na fé, a ação ritual, que nos dá acesso ao mistério. E, é claro, há um terceiro item que vem completar estes dois: a vida compreendida e vivida conscientemente de acordo com aquilo que cremos e celebramos. Portanto, o acesso ao mistério de nossa fé e a experiência deste mistério passam necessariamente pela experiência ritual na qual espiritualidade e corporeidade são inseparáveis.

### Rito e teologia<sup>15</sup>

O 'rito' do qual estamos falando aqui não é o 'script' (roteiro, textos...) que se encontra nos livros litúrgicos; mas a *ação ritual*, celebrada por uma determinada comunidade enquanto

---

<sup>12</sup> POUSET, Eduard. Corpo e espírito, superar o dualismo. *Grande Sinal*, Petrópolis, (56), 2000/4, jul./ago., p. 480-490; aqui, p. 484).

<sup>13</sup> [www.adital.com.br](http://www.adital.com.br), 24 de novembro de 2006. Título do artigo: 'Fora do corpo'.

<sup>14</sup> Cf. Jo 1, 14-18; 1Jo 1,1-4.

<sup>15</sup> BUYST, Ione. *O Segredo dos Ritos; ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, Paulinas, 2011 (Col. Celebrar), p. 145-149.

‘sujeito’ (agente) deste rito, a partir da descrição encontrada no livro litúrgico e a partir da tradição litúrgica daquela comunidade, dentro de sua realidade, com seus traços culturais, dentro de sua busca de interpretação da vida, da realidade; esta celebração supõe uma determinada *compreensão* (teologia) da ação realizada e uma *atitude espiritual* implícita que levará a um *compromisso*, uma atitude de vida. O rito só existe enquanto executado, enquanto *participado* de forma ativa, consciente, interior, plena, frutuosa..., enquanto *experiência ritual*.

À perspectiva teológica devemos acrescentar, portanto, a dimensão antropológica do rito, que cresce em importância no momento atual marcado pelo pluralismo religioso. Estudos recentes sobre rito e ritualidade insistem na compreensão do rito como *‘urgia’*, ação, *‘performance’* que carrega e assegura um determinado sentido da existência.<sup>16</sup> A liturgia é um conjunto de ações rituais que expressam a fé cristã comunitariamente e – por assim dizer – *‘corporalmente’*, possibilitando que cada participante da ação ritual fique *‘imbuído’* do sentido da vida em perspectiva cristã. De fato, *“nosso modo de conhecer e perceber o mundo se realiza antes de tudo e prioritariamente por meio do corpo [...] Aliás, o corpo parece ser o ‘medium’ da mensagem e a própria mensagem [...] O significado é criado por meio do corpo e do seu movimento no espaço”*.<sup>17</sup> Além disso, em nossa cultura fragmentária, o rito poderá assegurar a totalidade do sentido, porque *“todo rito tenta reconstruir a totalidade [...] os ritos ‘elaboram’ o sentido religioso, como experiência originária da totalidade”*.<sup>18</sup>

Pensando o rito desta forma, a *teologia litúrgica* já está presente, como *‘embrião’*, como *‘teologia em ato’*, como *‘teologia primeira’*<sup>19</sup> na própria execução e experiência da ação ritual. É um elemento constitutivo do rito. É por isso que podemos dizer que a liturgia é *“um lugar teológico, um espaço privilegiado da revelação e da experiência de Deus”*.<sup>20</sup> Partindo desta *‘teologia primeira’*, devemos elaborar uma *‘teologia segunda’*, sistemática, racional, que procura *“investigar como o mistério de Cristo vai atuando no plano histórico-cultural e traduzir em linguagem cultural adequada a cada tempo aquilo que a liturgia exprime em linguagem simbólica”*.<sup>21</sup> Portanto, a teologia litúrgica não é algo que se realiza de fora para dentro da liturgia, mas de dentro para fora. Brota de dentro dela como de uma *fonte*. Vejo, portanto, como indissociáveis os vários aspectos da ação litúrgica: sua dimensão de *‘performance’* (desempenho, atuação, realização, *‘gesto’* ritual...), seu sentido teológico-litúrgico, sua raiz espiritual, sua incidência ética na vida cristã. [...]

A teologia da liturgia parte necessariamente da própria liturgia: de seus textos, de seus gestos..., da ação ritual como um todo. E requer, para além da experiência teológica, uma explicitação racional, sistemática, teo-lógica, que levará em conta os dados da revelação nas sagradas escrituras, na patrística, no magistério.

---

<sup>16</sup> Vejam por exemplo: TERRIN, A. N. *O rito; antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo, Paulus, 2004. (Col. Estudos Antropológicos); BARNARD, Marcel & POST, Paul. *Het ritueel bestek; antropologische kernwoorden van de liturgie*. Zoetermeer (Ndl), Meinema, 2001.

<sup>17</sup> TERRIN, 2004, p. 418-9.

<sup>18</sup> TERRIN, 2004, p. 420-1.

<sup>19</sup> Cf. S. MARSILI, *‘Teologia litúrgica’*, Em: SARTORE, D. & TRIACCA, A. M. (Org.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulinas/Paulistas, 1992, p. 1174-87.

<sup>20</sup> ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), *Boletim Informativo*, ano 02, n. 07, set. 2004, p. 2-3.

<sup>21</sup> S. MARSILI, 1992, p. 1186.

A Igreja da América Latina, principalmente a partir do 'Documento de Medellín'<sup>22</sup>, tomou consciência de que o Cristo Ressuscitado está ativa e dinamicamente presente, com seu Espírito transformador, na realidade do continente, no processo histórico. E esta presença *culmina* na celebração litúrgica e merece ser expressa e explicitada nela. Portanto, uma teologia litúrgica na América Latina deverá fazer uma leitura do mistério pascal celebrado, levando em conta os sinais desta presença do mistério pascal acontecendo na realidade (pessoal e social) vivida pelo povo, como 'morte' e 'ressurreição' principalmente na vida dos pobres. Ou como o diz a bem conhecida frase lapidar: '*Páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo*'.<sup>23</sup>

Levando em conta os dois itens anteriores e a realidade de nossas comunidades, como pensar a *formação litúrgica*? Não vale tentar 'depositar' conteúdos teológico-litúrgicos, vindos de fora, a serem assimilados pelos formandos.<sup>24</sup> Não basta explicar como se deve executar 'direitinho' um determinado rito, levando em conta apenas os gestos a serem feitos e as palavras a serem pronunciadas 'validamente'. Não vale tampouco criar uma atitude 'piedosa', 'espiritual', 'devota'..., *independente* da ação ritual realizada. Muito menos ainda, deve se deixar a pessoa fazer as coisas como achar melhor, inventar, 'criar' à vontade, dar a explicação que quiser...<sup>25</sup>; afinal, a liturgia não nos pertence: é uma herança que nos foi confiada; somos responsáveis por sua transmissão ('tradição' no sentido original da palavra).<sup>26</sup> O único caminho eficiente e responsável é o da *mistagogia*, conduzindo a pessoa para dentro do mistério, partindo da própria ação ritual; levar a pessoa, gradativamente, a *participar* de forma ativa, consciente, interior, plena, frutuosa... da ação ritual em toda sua complexidade, atingindo o ser humano em todas as suas dimensões; ensinar a *colher* a teologia primeira, a compreensão teologal embutida na própria ação ritual, para – a partir dela – chegar à teologia segunda, a uma explicitação racional, a um aprofundamento sistemático do mistério celebrado na liturgia. Sem a *experiência* litúrgica ('teologal'), todo pensar teológico será algo 'posticho', superficial, artificial, inócuo e incapaz de sustentar uma vida inteira no seguimento de Jesus Cristo. Necessitamos, portanto, de uma formação litúrgica 'integral', 'holística', que conjugue os vários aspectos da liturgia, da formação e do ser humano.

### **Insistência na aprendizagem pela ação ritual<sup>27</sup>**

'Aprendizagem pela ação ritual' é o título de um artigo publicado na revista Grande Sinal<sup>28</sup>, retomado na edição atualizada de *Liturgia, de coração*.<sup>29</sup> Nesta e em outras publicações, assim como no trabalho formativo de modo geral, há uma insistência nesta verdade:

---

<sup>22</sup> CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio; conclusões de Medellín*. Petrópolis, Vozes, 1969.

<sup>23</sup> CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Animação da vida litúrgica no Brasil*; elementos de pastoral litúrgica. São Paulo, Paulinas, 1989 (Documentos, 43), n. 300.

<sup>24</sup> Cf. o conceito de 'educação bancária' em Paulo Freire.

<sup>25</sup> Hanna Arendt, falando da crise na educação em *Entre passado e futuro* (São Paulo, Perspectiva), defende a dimensão necessariamente conservadora do ato educativo. As novas gerações devem aprender a valorizar e preservar o suporte e o acervo cultural acumulados, para que não o destruam inadvertidamente.

<sup>26</sup> Cf. 1Cor 11,23: "eu (Paulo) recebi do Senhor o que também vos transmiti...".

<sup>27</sup> BUYST, Ione. *O Segredo dos Ritos; ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, Paulinas, 2011 (Col. Celebrar), p. 159-160.

<sup>28</sup> Buyst Ione, In: Grande Sinal, Petrópolis, ano 47, nov.- dez. 1993, p. 701-6.

<sup>29</sup> BUYST, Ione. *Liturgia, de coração*; espiritualidade da celebração. 2. ed. São Paulo, Paulus, 2007 (Col. Celebrar a Fé e a Vida), p. 122-36.

[...] a própria liturgia é formadora. Formadora de quê? De nossa fé, de nosso seguimento de Jesus Cristo, de nossa espiritualidade e — por que não? — também de nossa personalidade. Mas há uma condição. A liturgia não atua automaticamente; depende de uma atitude fundamental de nossa parte. Geralmente, fazemos da liturgia um momento didático ou moralizante, onde os ministros e ministras litúrgicos (muitas vezes com ajuda de folhetos e 'jornalinhos'), ensinam, procuram passar formação e informação, trabalham 'temas', convidam, incentivam ao compromisso... Tudo isso não deixa de ter alguma validade, quando bem dosado. Mas esta não é a maneira própria, genuína de a liturgia ser formadora. Qual é então sua maneira característica? A liturgia leva a uma aprendizagem na medida em que as pessoas *participam da própria ação litúrgica*, ativa e consciente, exterior e interiormente, de forma plena e frutuosa; na medida em que entram de cheio na proposta ritual. Mas isto, por sua vez, só é possível quando não substituímos esta proposta ritual, esta *ação litúrgica*, por outras coisas. Por isso, os ministros são os primeiros a terem que assumir a proposta ritual.<sup>30</sup>

Para que isto aconteça, duas coisas são fundamentais:

1) Principalmente da parte das pessoas que assumem um ministério na liturgia, a redescoberta da liturgia enquanto *ação* e não apenas como recitação de textos. Olhando a celebração eucarística, podemos perceber quatro grandes ações fundamentais: acolher (ritos iniciais), dialogar (liturgia da palavra), comer e beber juntos em ação de graças e súplica (liturgia eucarística), enviar (ritos finais). Isto requer uma atitude e atuação mistagógicas principalmente de quem preside, e eventualmente de quem 'anima'. Quem preside deve garantir a 'linha vertical' de nosso relacionamento com Deus: na interpretação da Palavra (homilia) e nas orações. Uma 'linha horizontal' de orientações práticas, de motivações, de pequenas chamadas de atenção ou informações para a assembleia, são às vezes necessárias; não são de ordem presidencial, mas diaconal. Podem ser realizadas pelo ministério do 'animador' ou 'animadora'. O termo não é muito apropriado, mas em todo caso é mais adequado do que 'comentarista'. Os 'comentários' (desde o 'comentário inicial'!), que a toda hora anunciam, comentam ou explicam as ações que estão sendo realizadas, são de fato um estorvo, um impedimento, um obstáculo para a verdadeira participação. Interrompem nossa relação, nosso diálogo com Deus. Criam uma barreira entre nós e os 'atores'. Transformam-nos em espectadores, em assistentes de uma ação realizada por outros. A compreensão do mistério celebrado não deve vir de comentários, mas pela participação consciente, piedosa e ativa '*nos ritos e nas preces*' segundo a expressão da SC 48.<sup>31</sup> A liturgia, enquanto ação ritual, não deve ser interrompida, assim como não se interrompe um teatro ou outra apresentação artística com comentários ou informações. Somente breves convites em estilo orante, conduzindo-nos a um envolvimento pessoal e espiritual serão bem-vindos.

2) Para que haja uma verdadeira participação, cada um/a de nós, como membro da assembleia, precisamos 'subjeter' as ações objetivas da liturgia, ou seja, assumir subjetivamente, com todo o nosso ser, aquilo que a liturgia nos propõe. Devemos entrar com toda a nossa pessoa, com toda a nossa história, todos os nossos projetos e desejos, como atores e atorras do rito, como agentes, e não como plateia, não como espectadores ou espectadoras. Só assim seremos capazes de adentrar, com todo o nosso ser, o mistério celebrado na liturgia.

---

<sup>30</sup> BUYST, 2007, p. 88.

<sup>31</sup> 'Sacrosanctum Concilium', Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia, dez. 1963.



## Referências

ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), *Boletim Informativo*, ano 02, n. 07, set. 2004.

BARNARD, Marcel & POST, Paul. *Het ritueel bestek; antropologische kernwoorden van de liturgie*. Zoetermeer (Ndl), Meinema, 2001.

BUYST, Ione. *Liturgia, de coração; espiritualidade da celebração*. 2. ed. São Paulo, Paulus, 2007 (Col. Celebrar a Fé e a Vida).

\_\_\_\_\_. *O Segredo dos Ritos; ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo, Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. In: Grande Sinal, Petrópolis, ano 47, nov.- dez. 1993.

CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio; conclusões de Medellín*. Petrópolis, Vozes, 1969.

CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Animação da vida litúrgica no Brasil; elementos de pastoral litúrgica*. São Paulo, Paulinas, 1989. (Documentos, 43), n. 300.

POUSSET, Eduard. Corpo e espírito, superar o dualismo. In: *Grande Sinal*, Petrópolis (56), 2000/4, jul./ago..

RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos), final do n. 21, 22, 32 e 28-33.

S. MARSILI, 'Teologia litúrgica', In: SARTORE, D. & TRIACCA, A. M. (Org.) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulinas/Paulistas, 1992.

'Sacrosanctum Concilium', *Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia*, dez. 1963.

TERRIN, A. N. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo, Paulus, 2004 (Col. Estudos Antropológicos).

www.adital.com.br, 24 de novembro de 2006. Título do artigo: 'Fora do corpo'.